



ASBRINK, Elisabeth. 1947. Estocolmo: Editora Natur & Kultur, 2016. 298p.

## Algumas raízes do que somos hoje

### Régis Cabral\*

Funding for European Projects (FEPRO) | Piteå, Suécia  
science\_parks@yahoo.se

A autora de 1947, a jornalista sueca Elisabeth Åsbrink, nasceu em 1965 e já obteve vários prêmios e indicações para prêmios nos países nórdicos. Ela abrange, em sua obra, em períodos mensais a partir de 1947, acontecimentos e pessoas que até hoje se mantêm como as mais importantes no cenário mundial: foi naquele ano que o mundo emergiu de uma grande escuridão para encontrar um caminho para uma vida melhor.

Decididamente, 1947 é o ano de eventos marcantes para os protagonistas fazerem suas opções entre o mal e o bem. É o ano em que Simone de Beauvoir, em Paris, sentindo falta de seu amante Nelson Algren, vivendo do outro lado do Atlântico, escreve *O outro sexo*. George Orwell, sozinho e fumando sem parar, escreve *1984* e Christian Dior lança seu New Look. Na Suécia, abre o primeiro H&M. A Índia luta pela sua independência. É também o ano em que, no Egito, o líder islâmico Hassan al-Banna, interligado com o primeiro líder palestino Hajo Amon al-Husseini e com o propagandista nazista Johann von Leers, transforma seu ódio em música, dança, democracia e igualdade de gênero na *jihad* para o ressurgimento da versão dele do fundamentalismo. Enquanto nazistas são julgados em Nuremberg, os ingleses trabalham arduamente para impedir que judeus emigrem para a Palestina, uma forma pós-guerra de antissemitismo. Rafael Lemkin luta para que a palavra “genocídio abarque a trágica realidade do que ocorreu durante o nazismo. No livro também surgem, entre outros atores, Primo Levi, Thomas Mann e Eleanor Roosevelt.

A narrativa de Åsbrink sobre essas vidas no ano de 1947 se interliga em uma teia que marca nossos dias e o nosso futuro, tanto nossas vitórias quanto nossos traumas. Não é a história de 1947 que se conta, mas como as vidas que viveram no período construíram importantes eventos que conduzem aos nossos dias. A escolha das pessoas e dos eventos é pessoal: outro autor certamente faria outras escolhas. Mas é isso que torna esse livro interessante, porque o ano de 1947 nos afeta pessoalmente.

---

\* Doutor em Filosofia da História pela Universidade de Chicago e diretor do Funding for European Projects (FEPRO).



O caráter pessoal é parte dessa história, porque a história pessoal de Åsbrink é parte dos eventos que levam a 1947. O pai de Åsbrink sobreviveu ao Holocausto, portanto, o livro também é a história da autora. Um longo capítulo, “A morte dos dias”, que bem poderia ser traduzido por “Os dias da morte”, é sobre a decisão do pai de emigrar. Mas para onde? De volta à Hungria? Para Israel, possivelmente no barco Exodus, ou para a Suécia? Nele, a escritora narra, também, a história do avô, György Fenyö, oriundo de uma família que foi obrigada a mudar o nome para Weitzner. Em meados do século XIX, a família outra vez tem que mudar o nome, agora para o húngaro. Em 1936, nasce o pai de Åsbrink. Com o nazismo, a família tenta fugir, mas em 1940 ou 1941, o avô é colocado em um batalhão de trabalho forçado, morrendo, possivelmente na Ucrânia em 1943. Dele, tem-se uma carta a sua esposa Lilly, escrita em dezembro de 1943.

O livro retrata, de uma forma profunda, um diálogo entre Åsbrink e seu pai. Tivesse ele escolhido ir para a Palestina e não para a Suécia, a história teria sido outra. O livro é, assim, a história dele e da sua época, que se mantêm vivos nos dias de hoje, em nossos conflitos e tensões.

Além disso, o livro responde a uma pergunta que esteve escondida nas entrelinhas da história da Suécia. Foram os nazifascistas suecos, em particular, Per Engdahl, na cidade de Malmö, em 1947, que reempacotaram a mensagem e o programa nazista visando manter o movimento vivo. E conseguiram, pois, os vemos hoje na quantidade de partidos e movimentos europeus que neles têm suas raízes. O que Engdahl fez foi compreender que o argumento racial, dada a evidência óbvia dos crimes nazistas, não teria ouvidos naquele momento. Então, ele mudou o argumento trocando raça por cultura. O fascismo, o nazismo e o nacionalismo se apresentam como defensores da cultura e das tradições da Europa branca contra as “invasões” do Oriente Médio e da África.

Engdahl foi um dos pais dessa ideia, que mantém o nazi-fascismo vivo hoje. O pensamento por ele criado transformou-se no movimento “Mantenha a Suécia Sueca”, que é a raiz do partido *Sverige Demokrat*, Democracia Suécia: com sua aproximação à Rússia de Putin e seu enfoque contra minorias e imigrantes, tem quase 20% do voto popular e é o segundo maior partido da Suécia no momento.

Para manter suas ideias vivas, Engdahl organizou, com seu grupo, o transporte de um número muito grande de criminosos de guerra para outros países, inclusive para a América Latina. Estima-se que alguns milhares de criminosos assim escaparam. O objetivo não era apenas salvar os indivíduos, mas manter o nazismo vivo. Engdahl tinha acesso a recursos para atividades, pois, nessa época, havia suecos com recursos que ainda simpatizavam com o nazismo. Esse apoio ingênuo de grandes capitalistas ao nazismo ocorreu em muitos países. Åsbrink descreve como Engdahl enganou os aliados e financiadores, manipulando as tensões da guerra fria. Foi em 1947 que este grupo articulou as raízes do fascismo, nazismo e nacionalismo que existem hoje e nos



aproximam novamente de uma tragédia. Mas as idas do tempo, como os relógios que eram raros em 1947, são assimétricas. O que foi foi e nos leva até hoje. Mas compreender o que foi nos ajuda a decidir o que hoje fazer, dando ainda mais importância à publicação.

Este livro é tanto a nossa história quanto a história da autora, tentando compreender-se a si mesma. Escrito de forma brilhante, o texto é pessoal, mas baseado em sólida literatura e pesquisa de arquivos. A língua sueca não é uma língua fácil de escrever. Assim, quando surge um autor brilhante que consegue escrever de uma forma poética e bonita, mesmo sobre um tema como esse que é sério e pesado, é admirável.

Vamos ver como vão sair as suas traduções, que agora já apareceram nos países nórdicos, na Alemanha, nos países de língua inglesa, na Polônia, entre outros. Pelo que sei, não nos países de língua portuguesa. Mas espero que em breve o seja, pois é um excelente livro, informativo, ótima leitura sobre as raízes do que somos hoje.<sup>1</sup>

-----

Recebido em: 09/08/2017.

Aprovado em: 09/10/2017.

---

<sup>1</sup> Para outras informações sobre a autora: <<http://elisabethasbrink.se/>>.